
Notas Bibliográficas

JOSUTTIS, Manfred: *Religion als Handwerk: zur Handlungslogik spiritueller Methoden*. Gütersloh: Kaiser / Gütersloher Verlag, 2002. 264 pp., 22,5 X 15 cm. ISBN 3-579-05388-4.

A idéia é bastante original. Considera a religião como uma oficina que abriga a teologia. A raiz do termo alemão – Handwerk – fala literalmente de “obra manual”. Ações corporais são capturadas em reconstruções mentais. Ações espirituais necessitam ser esclarecidas no referente às lógicas em que se baseiam e às conseqüências comportamentais que daí surgem. O A. se pergunta: que influências orgânicas, históricas, sociais e que tradições religiosas, modelos lingüísticos, interesses vitais atuam quando uma pessoa começa a rezar? Os métodos espirituais têm uma lógica de ação. Qual? Por aí vai a pesquisa do autor que se interessa não somente de aplicar conhecimentos teológicos na prática pastoral, mas de considerá-la como uma oficina que implica as atividades corporais e se desenvolve em métodos corporais.

Baseando-se em N. J. Smelser, analisa os componentes da lógica do agir social: os objetivos e as finalidades estabelecem as linhas condutoras gerais; as normas e as leis dirigem as ações para tais objetivos e fins; a motivação e a mobilização movem as energias dos indivíduos como atores; e os recursos que se fazem disponíveis para os atores. O mesmo vale para ação espiritual. O A. reconhece que a palavra espiritualidade hoje é “um conceito-*container* com muitos significados”. Basta ver os três volumes do “Manual de História da Espiritualidade Cristã” organizados por B. McGinn, J. Meyendorff e J. Lercq. Aí está a definição geral de espiritualidade cristã como a fé cristã vivida em suas formas gerais reconhecidas e em suas formas autônomas. Distingue-se da doutrina já que não se limita à fé, mas se concentra no efeito que a fé tem na consciência e na práxis religiosa. São ações que se orientam imediata e exclusivamente a Deus. A religião, como oficina, não coloca o centro da prática religiosa na consciência. Os métodos espirituais são parte da prática religiosa, diferente de outras práticas sociais por sua referência à divindade. São influenciados por Deus e orientados para ele.

A primeira parte do livro ocupa-se com a problemática do método de abordagem da lógica da ação a partir da perspectiva espiritual, religiosa. Estuda o problema do método na teologia atual desde o aspecto da relação da teologia e crítica histórica, da teologia e psicoterapia, da teologia e espiritualidade. Depois detém-se no problema do método na teologia dos reformadores, onde toca temas muito próprios deste universo teológico: lei e evangelho, interpretação e oração, teologia e piedade. Amplia tal reflexão para a problemática do método nas ciências da religião sob os aspectos da relação magia e religião, religião e magia, e a estrutura do método religioso. Conclui tal parte com a problemática de realidade no método religioso, como aparece na Bíblia, na psicologia social, na fenomenologia da religião e na teologia.

A segunda parte elabora a metódica das ações religiosas. Trabalha o jejuar, o rezar, o benzer, o oferecer sacrifício, o abençoar e o curar. São ações do trabalho religioso que implicam o corpo. O jejum prepara-o. A oração acompanha, em geral, como expressões

verbais, a preparação do corpo feita no jejum. O corpo se esvazia pelo jejum. Deus é invocado. Está preparado o canal para que a força divina flua. As ações seguintes estudadas têm o caráter mais ou menos de concentração, tendo como finalidade que a força salvadora do sagrado se realize aqui e agora. Temos a bênção, o sacrifício e a cura. Pelo sacrifício e bênção, acontece um processo de troca entre Deus e os seres humanos. Então as doenças são curadas.

Uma terceira parte trata da metódica das percepções religiosas: ouvir, sonhar e ver tanto na Escritura como nas experiências atuais, usando dados teóricos das ciências psicológicas.

É um livro erudito. Original. Permite que se aprofundem as formas religiosas trabalhadas numa perspectiva global, usando os dados das ciências e levando em consideração as funções corporais.

JBL

FOUREZ, Gérard: *La fe como confianza: aliento para construir una historia nueva*. Tradução do original francês de 2001 por Miguel Montes. Santander, Sal Terrae, 2003. 173 pp., 21 X 13, 5 cm. Coleção Presencia Teológica, 126. ISBN 84-293-1489-X.

É um livro que passeia entre o autobiográfico e a reflexão teológica. O A. é um jesuíta belga, já maduro, que reflete teológico-pastoralmente sobre seu itinerário de fé e a propósito disso, amplia as considerações. O fio condutor é a concepção de que a verdadeira fé deve ser alento para a vida. E sob esse ângulo analisa muitas questões que ele viveu ao longo de sua trajetória espiritual desde uma educação no seio de uma família burguesa católica, nas escolas, na formação jesuítica de antanho até o momento atual. Livro sincero, aberto que ajudará certamente a pessoas que passaram por situações semelhantes ou que temem assumir um itinerário de revisão espiritual e de fé no contexto moderno e pós-moderno em que vivemos. Os temas abordados são dispersos, sem uma lógica estruturante a não ser o fio condutor existencial. Começa com uma consideração sobre o mal, não tanto subjetivo, antes como realidade objetiva, concreta, histórica com que nos defrontamos. Continua falando do sentido da boa nova de Jesus, de sua religião. Avança considerações sobre questões candentes como fé e justificação, Deus e espiritualidade, a dimensão celebrativa profana e religiosa da vida. Aborda o tema do perdão. Um capítulo um pouco mais longo é dedicado a um dos pontos que o A. considera fundamental na sua evolução: a autonomia, a liberdade diante das doutrinas e instituições. Amplia tal questão em articulação com a ciência e as religiões. Conclui com o compromisso da fé e um epílogo sobre a ressurreição. Livro quase sem referência bibliográfica, porque predomina o estilo narrativo dos próprios questionamentos. Corresponde a um gosto atual de ouvir testemunhos de pessoas mais provecas, iluminando assim o caminho de outros. Provavelmente para a geração jovem esse itinerário é algo do passado e que não lhes toca muito, porque nem sequer têm as perguntas que ele se levantava. Pessoas maduras que ainda sofrem de angústia diante de um processo de abertura talvez encontrem aí luzes e ânimo.

JBL